ENTRE BOYS E FRANGOS: Prostituição Homossexual Masculina em Recife.

Autor: Epitácio Nunes de Souza Neto
Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.
E-mail: epitacionunes@ig.com.br

Residindo no bairro da Boa Vista, tenho a muito observado os processos de transformações pelos quais a cidade do Recife vem passando. Como em toda metrópole, o centro da cidade apresenta uma variedade enorme quanto ao perfil social de seus habitantes. São trabalhadores, moradores e visitantes que se misturam a uma massa de personagens sociais bastante heterogêneos em estilo, classe social, estrutura familiar e cultura. Verdadeiras aldeias ou tribos que estabelecem seus habitates ao dividirem um mesmo espaço geográfico. Neste panorama as diferenças se fazem visíveis e as categorias se estabelecem agrupando, nomeandos e renomeandos os indivíduos. A sociedade passa a estabelece seus próprios meios pelos quais categoriza as pessoas e define os atributos comuns e "naturais" aos membros de cada uma dessas categorias. De um lado, mendigos, assaltantes, pedintes, ambulantes, crianças em situação de rua, bêbados, travestis, traficantes de drogas e garotos de programa, entre outros, passam a compor a categoria dos "desacreditados" sob o estigma da marginalização (GOFFMAN, 1988) e viver à margem de uma sociedade onde se encontram as "pessoas de bem". Cada grupo possui atributos e características que definem as identidades sociais de seus protagonistas, onde visibilidade e invisibilidade se transformam em fatores de necessidade e sobrevivência. Neste contexto de invisibilidade atuam e convivem os membros de uma subcategoria específica, formada por homossexuais masculinos que se prostituem nas ruas, onde o negócio do michê (PERLONGHER, 1987) estabelece critérios para o exercício das práticas sexuais comerciais entre homens, tais como: valores monetários, tempo de permanência na atividade, práticas sexuais e identidades sociais.

1. O Panorama da Prostituição Masculina

Embora a prostituição feminina seja mais antiga na cidade, é a prostituição masculina que vem provocando alterações no cenário recifense ao ocupar uma significativa fatia do comércio sexual, ou pelo menos, uma boa parte do território público e privado disponível ou possível para tal prática. Nos anos de 1980 a prostituição ficava restrita as áreas antigas da cidade, concentrada nos bairros de Santo Antônio e de São Pedro, onde a definição do estabelecimento de territórios já figurava como um dos aspectos que mais chamava a atenção. Na Rua da Concórdia, por exemplo, era visível a frequência de três subcategorias distintas formadas por garotos de programa que circulavam próximos a Praça Joaquim Nabuco, por prostitutas que faziam ponto na Rua da Palma e na Rua Nova, e pelas travestis que ocupavam o trecho entre as ruas Marquês do Herval, Tobias Barreto, Rua Floriano Peixoto e redondezas da Casa da Cultura.

Com a instalação de novas opções de lazer no bairro da Boa Vista, no inicio dos anos 90 foram se estabelecendo no centro da cidade a delimitação de novas zonas territoriais dominadas pela prostituição masculina, voltada para homens com práticas homossexuais. Atualmente os michês (PERLONGHER, 1987), que em Recife preferem se autodenominar como "boys de programa" ou simplesmente "boys", dividem entre si os espaços que abrangem a Av. Conde da Boa Vista, Av. Oliveira Lima e Rua do Riachuelo, bem como suas transversais: Rua das Ninfas, Rua da Soledade, Rua José de Alencar, Rua Gervásio Pires e Rua da Aurora.

Neste perímetro urbano estabeleceram áreas especificas de circulação, definindo uma espécie de demarcação geográfica onde as subcategorias se concentram e se subdividem em territórios. Nestes mesmos espaços de circulação se encontram instalados alguns empreendimentos comerciais que servem como pontos de encontros e muitas vezes como espaços para o atendimento a clientes, entre os quais se destacam um Shopping Center, três cinemas pornôs, duas boates, cinco bares, um sex-shop, um fliperama, três saunas, cinco motéis e três praças públicas.

Os serviços sexuais comerciais revelam uma abrangência de práticas e atividades que envolvem desde a masturbação individual ou mútua até sexo oral e/ou anal, com variação do protagonismo por parte dos boys de programa ou dos clientes. No negócio do sexo, tanto os valores, quanto as preferências e práticas sexuais, as definições de categorias e as performances de gênero aparecem explicitamente divulgadas nas ruas ou através de sites na internet. Neste sentido as paginas pessoais ou comunidades específicas do "Orkut" tem se revelado como grande canal para a divulgação dos serviços sexuais oferecidos pelos boys de programa. Contudo, tanto nas ruas como na internet os valores monetários envolvidos nos programas tenderão a apresentar alterações de acordo com a natureza dos serviços prestados, tempo na atividade, subcategorias, territórios e performances de gênero, podendo variar de dez a cento e cinquenta reais.

O fenômeno da prostituição masculina em Recife tem revelado uma multiplicidade de manifestações e grande diversidade de conceitos para os homens envolvidos em sua prática, onde a clara definição hierárquica das categorias amplia a variação de nomenclaturas vinculadas ao ato da comercialização sexual. Assim, estes se dividem ou se agrupam em conformidade com as subcategorias firmadas: boys de rua, que utilizam as áreas e locais públicos; gogo-boys que se apresentam em boates, clubes privados, casas noturnas e festas particulares; atores de filmes eróticos envolvidos no ramo da pornografia; call-boys, parceiros de tele-sexo; acompanhantes e modelos que utilizam sites na internet ou empresas de agenciamento; massagistas, que atuam em saunas e em domicílios, além dos boys de elite que atendem por agendamento eletrônico (GARCIA, 1996).

Durante os dois anos que envolveram a pesquisa de campo (SOUZA NETO, 2009), constatei nas conversas informais com os clientes o que parece se configurar como processo de consolidação de mais duas novas subcategorias: os "moto-boys de programa" e os "táxi-boys", profissionais que oferecem serviços sexuais agregados ao transporte de clientes que frequentam boates, bares e clubes noturnos. Dentro dos espaços de prostituição, públicos e privados, localizados tanto no centro como nos subúrbios, é perceptível a presença de crianças e adolescentes que fazem do sexo pago uma possível fonte de renda. Acredito que tal fato venha evidenciar que a inserção dos homens no universo da prostituição, muitas vezes, se dá ainda na infância ou início da adolescência, contribuindo talvez para a definição de suas identidades sexuais. Tanto que não é raro presenciar nas ruas do centro da cidade, a circulação de meninos que adotam posturas hiper-masculinizadas em semelhança aos boys de programa, ou adolescentes em processo de transformação corporal que se tornarão futuras travestis, muitos dos quais apresentando documentação com dados alterados a fim de evitar problemas com a polícia, bem como garantir e salvaguardar a si próprios e a clientela.

Diferente do que Perlongher destaca como fator de diferenciação entre a prostituição feminina e a masculina em São Paulo (1987), em Recife torna-se comum o pagamento de valores efetuados pelos boys de programa para frequentar as ruas e demais espaços de prostituição, o que confirma e evidencia a existência de um agenciador ou "cafetão-de-boys".

Nas ruas, os territórios que também demarcam diferenças significativas para quem se prostitui, encontram-se divididos em "pontos certos" e "áreas de circulação". Nos pontos certos

os boys se concentram a espera de clientes e usufruem de certa comodidade e proteção, pelas quais se paga uma espécie de pedágio diário; nas áreas de circulação, que abrangem outras ruas, avenidas, praças e banheiros públicos, os mesmos precisam fazer o "trottoir" para evitar possíveis exposições e susceptibilidade à violência por parte da policia, fato também verificado entre as prostitutas (RAGO, 1996). Esta demarcação diferencia ainda os boys que "fazem rua" dos que "fazem pista". Enquanto os primeiros freqüentam cinemas e boates em busca de clientes, os segundos utilizam as ruas, sejam através dos pontos certos ou das áreas de circulação. Contudo, é comum um mesmo boy frequentar mais de um local de prostituição, que como em outras cidades, encontram-se estruturados em espaços de caráter privado e espaços públicos (PERLONGHER, 1987; FÁBREGAS-MARÍNEZ, 2000; SANTOS, 2008).

Desta forma a prostituição masculina em Recife parece institucionalizada enquanto serviço, inserido numa espécie de comércio estruturado, onde vários seguimentos da sociedade encontram-se envolvidos. Se nos espaços privados os proprietários dos estabelecimentos figuram muitas vezes, como efetivos agenciadores da prostituição masculina, em outras situações a imagem do cafetão ou "dono da rua" aparece personificada na figura do próprio boy de programa, que por ser mais antigo no exercício da atividade ou por frequentar há mais tempo determinadas áreas, passa a controlar algumas zonas e torna-se dono do próprio negócio. Assim, dentro de uma concepção econômica, a prostituição mostra-se pautada no mesmo sistema capitalista que estabelece relações de poder embasadas na exploração da força de trabalho humana.

1.1. Estruturação e Construção das Performances de Gênero dos Boys de Programa

Pensar sobre como os boys de programa reorganizam as próprias idéias que fazem de suas orientações sexuais e identidades de gênero, a ponto de não estabelecer "conflitos" entre suas próprias concepções de masculinidade e a prática sexual comercial que desenvolvem sempre me pareceu tarefa por demais complexa. Talvez porque na literatura acadêmica tenho observado uma insistente contextualização do gênero enquanto resultado de uma construção social. Como Butler (2008), tendo a concordar que tal idéia sugere apenas certo determinismo de significados inscritos nos corpos anatomicamente diferenciados, passando esses a ser compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Sabe-se que a discussão relativa ao significado de "construção" abre espaço para um debate mais amplo, onde a controvérsia parece concentra-se numa polaridade filosófica convencional, sobre o que se pode entender e aceitar como livre-arbítrio e o que pode ser pensado como determinismo. Assim, questionamos até que ponto o corpo torna-se um meio passivo, no qual se encontram inscritos os significados culturais?

Para Bento (2003) é através das roupas que cobrem os corpos, dos gestos, bem como de uma estilística corporal e estética previa, culturalmente estabelecida como apropriada, que o gênero adquire vida social. Para a compreensão relativa às representações de gênero apresentadas pelos boys de programa em Recife, torna-se necessário considerar o conceito de "performances" ou "noção de performatividade" de gênero, compreendidas não simplesmente como um ato singular ou deliberado, mas sobre tudo, como prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz o efeito que nomeia. As normas regulatórias do "sexo" trabalham de forma performativa na constituição da materialidade destes corpos, e mais especificamente na materialização do sexo do corpo, concretizando a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER; 1999).

Ao tomarmos a discussão relativa aos gêneros pautada simplesmente no sistema binário, sempre produziremos e reproduziremos a idéia de que o gênero apenas reflete e espelha o sexo.

Isso nos levaria a conceber simplesmente que todas as demais esferas constitutivas dos sujeitos estariam diretamente interligadas a uma determinação inicial, onde a natureza determina as sexualidades e posiciona os corpos de acordo com as supostas disposições naturais (BENTO, 2003). Contudo, os boys de programa de Recife parecem adotar um conjunto de relações inscritas através dos corpos, referendadas por uma matriz pautada em instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. Estas se tornam então, as normas reguladoras do gênero e neste processo de assunção o boy-ativo tende a repetir sucessivamente o constructo do masculino de forma estereotipada que "aprendeu" num processo de construção sociocultural imposto e/ou absorvido. Por sua vez, o boy-passivo, também se regula esteriotipadamente por um modelo anti–hegemônico deste mesmo constructo. Assim, o conceito de normas de gênero aparece diretamente relacionado às idealizações que estabelecem os domínios da masculinidade e da feminilidade, apropriadas e impróprias, fundamentadas no dimorfismo ideal, bem como na complementaridade heterossexual dos corpos. É nesse sentido que se acredita que o gênero cria o sexo, e, portanto, nunca o contrário (BENTO, 2003; NAVARRO-SWAIN, 2000; BUTLER, 1999).

Entre os boys de Recife as performances de gênero serão e estarão acomodadas em acordo com as negociações estabelecidas com os clientes. Apesar de discursivamente a maioria dos boys de programa tender, quase que de forma generalizada, a hipervalorizar suas masculinidades, no privado dos quartos e das relações, nem sempre as performances sexuais corresponderão às imagens sexuais estereotipadas construídas socialmente. Essa predefinição de roteiros (GAGNON, 2006) servirá ainda para estabelecer os papéis e as práticas sexuais sem grandes questionamentos ou envolvimentos afetivos e emocionais para ambas as partes. Como em qualquer outra forma de sexo comercial, a negociação entre boys e clientes representará uma delicada interação, onde não apenas o preço cobrado, mas também as práticas sexuais envolvidas precisarão ser bem especificadas e, muitas vezes, renegociadas durante a interação.

Nestas negociações, não apenas os prazeres do corpo, mas também as identidades subjetivas estarão em jogo devido aos múltiplos significados relacionados à atividade e à passividade, bem como, ao questionamento implícito relativo à identidade masculina, envolvido nas práticas desenvolvidas. O dinheiro passa a figurar como fator de permissividade, tanto para o boy que aceita ser penetrado, quanto para o cliente que paga pela fantasia de *"comer um homem de verdade"*. Dentro dessa lógica, nenhum dos atores envolvidos na transação comercial estará interessado em questionar ou rever suas regras, já que foram bem definidas no momento da contratação. Em outras palavras, o cliente pagará para *"comer"* e o boy receberá para *"dar"*, ou vice-versa. Contudo, mesmo nesse cenário de possibilidades transitórias, em Recife constatam-se argumentos semelhantes por parte dos boys, igualmente verificados por Perlongher (1987), em relação ao reconhecimento e a manutenção de uma identidade não homossexual. Em seus discursos o termo "ativo" aparecerá sempre como substituto de uma identidade não homossexual. Neste sentido, o conceito parece muito mais vinculado a performance sexual, deixando de ser categoria para se transformar de forma consolidada como identidade sexual.

A definição de bissexualidade raramente será referida enquanto identidade, mesmo quando revelam manter relações sexuais e afetivas com pessoas de ambos os sexos. O discurso evidencia uma concepção de masculinidade e feminilidade pautada no modelo biológico, que parece nortear tanto a conduta social como o desempenho sexual. Para os boys um homossexual "que nem parece" assemelha-se ao homem heterossexual, e no discurso, é concebido como "normal". Contudo não será concebido como homem igual ao boy que é ativo, mas sim, reconhecido enquanto *"frango"*, o que deixa claro que a compreensão e concepção das identidades para os boys abrangem uma gama de fatores e aspectos simbólicos, construídos social

e culturalmente ao longo dos tempos, e que vão além do sexual. Ressalta-se a marcação do "outro" enquanto sujeito que possui linguagem própria e se comporta de forma diferenciada. A linguagem dos "frangos" os diferencia dos boys, e quando incorporada as performances, passa também a demarcar as diferenças de gênero. Para a maioria dos boys de programa as travestis são entendidas como *"homens que tentam imitar as mulheres"*, evidenciando a dificuldade em reconhecê-las enquanto sujeito do feminino. O fato de contrariar a hegemonia masculina destitui as travestis do status de normal, ao contrário dos frangos que *"não tem peitos"*. Por não conseguirem incluí-las em nenhuma das categorias identitárias reconhecidas enquanto simbólico do masculino e feminino, passam a reconhecer e nomeá-las como *"algo difícil de compreender"*, isoladas das demais configurações normativas.

Essas concepções identitárias, pautadas no modelo biomédico, demarcam as subcategorizações e servem como delimitadores ou definidores das próprias identidades. Muitas vezes o fato de tanto os boys de rua, quanto os boys de sauna ou de boates, não se verem ou se reconhecem enquanto homossexuais, contraria as solicitações e demandas dos clientes. Porém em outras situações a conduta afirmatória dos clientes ao reforçarem a masculinidade do boy através da adoção de gestos esteriotipados e comportamentos efeminados, funciona como roteiros pré-estabelecidos (GAGNON, 2006), onde um sujeito abdica de sua própria masculinidade para reafirmar a do outro no social. Nestes casos não são observados conflitos de gênero nas relações sociais, uma vez que essa performatividade de gênero constitui a materialidade dos corpos, que materializará as diferenças (BUTLER, 1999). Contudo, no espaço privado onde se darão as práticas sexuais, o boy de programa por sua vez, provavelmente, não passará a assumir ou adotar um comportamento afeminado incompatível com sua performance de gênero, que é masculina, mesmo quando a conduta sexual adotada, momentaneamente, se mostre contrária a sua identidade. Em tais situações, os conflitos de gênero tendem a ser mediados pelo fator econômico vinculado ao exercício da prostituição. O dinheiro tornar-se o fator de permissividade agenciando as possibilidades de transitoriedade e flexibilidade exigidas as performances sexuais durante o coito, sem com isso, interferir ou ameaçar sua própria identidade. Desta forma, para os boys de programa, muitas vezes, o fato de "comer" ou ser "comido" tornar-se indiferente, uma vez que tais atos parecem justificados pela relação comercial.

1.2. O Negócio do Boy: Só Curtição

A análise acerca das atualizações conceituais tem evidenciado que em Recife, a expressão michê, enquanto categoria identificatória de quem se prostitui (PERLONGHER, 1987), perde o sentido entre os sujeitos envolvidos na prostituição masculina, por ter sido substituída ao longo do tempo pela expressão *"fazer programa"*. Esta assume uma conotação mais coloquial de caráter temporal, onde o termo se traduz em relações momentâneas, normalmente de curta duração, que pode envolver outros ganhos além do financeiro, mas que estão pautadas numa relação de troca. Porém na "gíria" dos sujeitos envolvidos nas relações sexuais de cunho comercial, muitas vezes, a expressão fazer programa pode assumir conotações relativas à "curtição", demarcando a ausência de compromisso afetivo ou vínculos entre seus atores. Nestes casos os fatores relacionados ao econômico cedem espaço à diversão e ao prazer proporcionado pelo sexo pago, onde a descarga libidinal parece encontrar o espaço adequado à realização de desejos (RIOS, 2004). O ato de fazer programa assume outros contornos socioculturais, mais relacionados ao sexual propriamente dito, que além de possibilitar descobertas e experimentações, vincula-se ao ganho. O dinheiro discursivamente assume uma importância

simbólica e secundária, onde o que realmente importa e o que está em jogo parece ser o exercício do erótico e a descoberta dos desejos.

Quanto aos fatores identitários, Perlongher (1987:17), registra ainda o uso do termo michê para denominar uma espécie *"sui generes"* de cultores da prostituição, jovens varões que se prostituem adotando protótipos gestuais e discursivos da masculinidade diante de seus clientes. Em Recife o termo apesar de pouco utilizado se traduz em conceito na personificação do boy de programa, ou simplesmente boy, designando uma autodenominação por parte destes homens tanto em espaços públicos quanto privados, independentemente de suas identidades enquanto heterossexuais, bissexuais e homossexuais. Já no âmbito da comunidade homossexual recifense a expressão "pegar um boy" pode se traduzir em "pegar um homem macho" com quem se manterá relações sexuais, sem necessariamente haver o envolvimento de remunerações financeiras, ou ainda ganhos extras. Neste sentido, o boy mostra-se como uma espécie de nova versão do "bofe" proposto por Perlongher (1987). Estes dois pólos – boy e gay - ampliaram a concepção de masculinidade, mostrando que esta se torna plural em sentidos e conceitos devido a gama de práticas, comportamentos e fatores subjetivados e intersubjetivos que se encontram envolvidos nas relações entre homens (SCHPUN, 2004).

Na concepção linguística acerca das masculinidades, termos como 'homem' e 'masculino', tendem a se revelar muito mais coloquiais do que circunstanciais, uma vez que as práticas e papéis sexuais nem sempre se desenvolverão ou se apresentarão em conformidade, ou ainda, condicionados às sugestões das imagens, podendo variar entre os sistemas "boy-gay", "gay-gay" e "boy-boy". As subclassificações como boys e gays demarcam muito mais comportamentos relacionados às categorias de gênero do que necessariamente identidades sexuais, que traduzidos, em gestos, vestimentas, ações e estilos, passaram a compor as performances de gênero, tanto por parte dos boys de programa quanto por parte dos clientes. No entanto, mesmo se tomando os dois pólos como categoria de gênero verifica-se entre os boys de programa que o mesmo senso comum relativo ao "homem macho" parece nortear a construção e estruturação das performances dos boys-ativos ou boys-flex, que adotam em espaço público o mais restritivo conceito de masculinidade para designar uma suposta não homossexualidade e superior potência sexual.

É neste cenário de comportamentos diversos e diversificados, que se mostram relacionais e também situacionais em conceitos e discursos, que a prostituição masculina recifense demarca semelhanças e diferenças em sua dinâmica e estrutura. As mesmas subcategorias descritas por Perlongher (1987), aqui se encontram divididas e re-significadas dentro de uma categoria que uniformiza e iguala a todos que utilizam o sexo como moeda de troca: os boys de programa. Se por sua vez, o "prostituto viril" passa a corresponder ao "boy-ativo" que só "come" e por isso não se reconhece como homossexual; o "michê-gay" assume a alcunha de "boy-bicha" que só "dá", sendo reconhecido como homossexual ou frango. Entre esses dois extremos de masculinidades, que muitas vezes, se configuram em formatos estereotipados, encontra-se o "michê-bicha" que aqui é nomeado como "boy-gilete" ou "boy-flex". Tais diferenças de categorias servem ainda para definir territórios e hierarquias, respaldados no status social de cada sujeito, que será regulado por seu posicionamento sexual durante o desenvolvimento de suas atividades sexuais. No processo de hierarquização clássica das sexualidades brasileiras, pelo qual os atores se classificam em conformidade com as posições assumidas durante o ato sexual, os boys-ativos se manterão numa margem, traçando uma linha imaginária que os manterá separados das demais categorias (FRY, 1982; CF. PERLONGHER, 1987).

Configurados dentro do sistema classificatório de categorias, aqui proposto, os boys-ativos encontram-se situados numa margem oposta aos boys-bichas. Os primeiros se percebem e,

muitas vezes, são percebidos por grande parte da clientela enquanto espécie diferenciada e superior às demais subcategorias. O fato de só penetrar lhe "garante" uma superior virilidade simbólica em relação aos demais e, muitas vezes, em relação aos próprios clientes. Os boys-flex por sua vez, transitam entre estes dois pólos antagônicos, mostrando flexibilidade e transitoriedade tanto relativa às performances de gênero quanto as condutas e práticas sexuais. No campo da sexualidade, o boy-flex pode tanto se aproximar em sentido valorativo simbólico aos boys-ativos quanto aos boys-bichas. Porém este boy-bicha estará sempre agrupado numa "casta" inferior.

Quando as relações sexuais comerciais se dão entre os próprios boys de programa, o sistema hierárquico estabelece quem paga e quem recebe. Nestes casos, numa relação entre um boy-ativo e um boy-flex, e ou, um boy-bicha, o primeiro em geral será remunerado. Em outra situação onde um boy-flex e um boy-bicha estejam envolvidos, o último sempre remunerará o primeiro. Contudo, tal sistematização hierárquica não pode ser vista como regra generalizada, uma vez que o pagamento também pode ser efetivado em posições inversas, onde um boy-ativo pagará para comer um boy-flex ou um boy-bicha e assim sucessivamente. Esta mesma hierarquia define conceitos e status entre os boys de programa e os subdivide ainda por critérios variados em novas subcategorias: Os "boys-de-saunas" e "boy-de-boates", por status socioeconômico dos estabelecimentos comerciais onde atuam; os "boys-de-rua", separados por demarcações geográficas entre o centro da cidade e o bairro nobre de Boa Viagem; os "boys-acompanhantes" e "boys-de-eleite", por status socioeconômico dos clientes e espaços de atendimento.

1.3. Prazer Econômico e Prazer Sexual Entre Boys e Clientes

Entre os boys de programa de Recife, o prazer aparece enquanto elemento coadjuvante fundamental, presente nas relações sexuais. Este prazer tornar-se-á potencializado quando se relacionado, e autojustificado ao mesmo tempo, através do senso comum popular da idéia do "homem garanhão". Assim, este aspecto sociocultural do homem "comedor" mostra-se diretamente vinculado ao processo de estruturação e construção de suas performances de gênero. Para alguns, esta masculinidade está diretamente relacionada ao fato de poder "comer" uma mulher, pautada numa relação de poder onde se estabelecem relações de dominação e subjugação através do ato sexual. Neste sentido, aparece ainda mais potencializada quando esta subjugação relaciona-se ao ato de penetrar um "macho", numa relação de sobreposição de masculinidades, onde a posição de penetrado fortalecerá a do penetrador.

O fato de poder "botar pra gerar num cara" que aos olhos da sociedade é homem, mas que na cama se entrega à força dominadora de outro, assume uma dimensão subjetiva de superioridade social, que de forma inversa coloca em cheque as relações de poder do sistema sociopolítico burguês que tem respaldado por séculos nossa sociedade e cultura. O sexo torna-se então o fator nivelador das relações sociais e das inter-relações pessoais, intercalando ainda que momentaneamente, as situações de domínio e subjugação nas relações de troca e ganho que se estabelecem entre quem compra e quem vende prazer. Tais representações de poder não são evidenciadas única e exclusivamente na imagem concreta do dinheiro em si, mas através de atributos e aspectos relacionados às imagens corpóreas dos clientes, tais como idade, objetos de uso, profissões e cargos. Assim, cabelos grisalhos, bigodes ou barbas e aspectos da pele, quando aliados a adornos como relógios, anéis de formatura, alianças e vestimentas, servem como indicativos de poder. Também os cheiros, através dos aromas exalados por perfumes, sabonetes e demais cosméticos servem ainda para referenciar status e tornam-se fundamentais ao estímulo do desejo que contribuirá para o grau de excitação. Neste sentido verifica-se que a intensidade do

desejo parece simetricamente relacionada às simbologias que o dinheiro pode evidenciar. Perlongher (1987) sugere que neste contexto a prostituição constitui assim, um dos dispositivos pelo qual o gozo se circunscreve na intercambialidade generalizada da ordem social do capital, onde "a diversão da energia libidinal no gozo perverso integra-se pelo pagamento, que traz consigo uma parte do circuito de intercâmbios e onde as intensidades e as emoções são negociadas ao preço da rua".

2. Considerações Finais

No Recife, a prostituição masculina encontra-se fortemente institucionalizada enquanto fenômeno social que demarca diferenças. Entre os boys de programa verifica-se que o exercício da atividade mostra-se estruturado e organizado através da subdivisão de categorias identitárias (boys de rua, boys de boate e boys de sauna) e preferências eróticas (boy-ativo, boy-flex e boy-bicha). Fatores relacionados a atributos físicos, idade, raça/cor e a classe social, mostram-se como fundamentais não só para a definição de categorias, como para a demarcação de territórios. Nos espaços de prostituição, tanto públicos quanto privados, verifica-se a intercambialidade quanto às possibilidades de acesso tanto por parte dos boys de programa, quanto por parte dos clientes. Assim, não é raro encontrar boys de sauna e/ou os boys de boates fazendo ponto nas ruas. Os territórios mostram-se estabelecidos pelas diferenças e definem uma espécie de hierarquia da atividade.

Ao reconstruir os processos históricos e psicossociais que levaram os homens investigados ao engajamento no trabalho sexual, confirma-se uma certa uniformidade nos discursos. Advindos de comunidades populares localizadas nos subúrbios e municípios circunvizinhos, a pobreza torna-se recorrente como justificativa para a inserção na prostituição. Em sua maioria, não concluíram o ensino fundamental, o que parece comprometer suas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Imersos num processo de estigmatização, relatam de imediato, vislumbrar na prostituição "uma forma fácil de ganhar dinheiro" a fim de atender suas necessidades imediatas e conseguir acessar o "mundo dos ricos". Assim, a iniciação sexual dos meninos de comunidades populares, muitas vezes, encontra-se diretamente relacionada ao ingresso no mundo da prostituição. Ainda na infância ou adolescência, por volta dos 09 a 16 anos de idade, aprendem nas ruas as regras da vida e as leis da sobrevivência, descobrindo que o sexo pode se transformar em valiosa moeda de troca. Estruturada a partir das relações de poder, a prostituição infanto-juvenil masculina em Recife, se caracteriza pelas relações intergeracionais, onde normalmente, um homem mais velho seduz um mais novo através das possibilidades de ganho. Destaca-se que este ganho nem sempre estará direta e unicamente vinculado ao fator financeiro, mas em muitas ocasiões, se encontrará relacionado às descobertas dos prazeres proporcionados pelo sexo. As possibilidades de experenciar a sexualidade através das múltiplas vivências sexuais, das descobertas e da flexibilidade e/ou potencialização de limites, parecem integrar-se como peças de um jogo, onde o erótico viabiliza o agenciamento dos desejos.

Na prostituição masculina, ancorada pela hierarquização fundamentada nos papéis de gênero, a dicotomia ativo-passivo envolvida nas práticas sexuais passa a ser percebida como categorias "boys" e "frangos", e servem como referência e diferenciação comportamental associada ao masculino e ao feminino. É esta diferenciação que, construída culturalmente, se mostra traduzida nas relações de poder efetivadas através da subjugação e dominação entre homens. O gênero tende a matizar o discurso biomédico, uma vez que a submissão não se limita ao feminino, mas em algumas situações e/ou alguns momentos, se estenderá também aos homens.

As performances de gênero figuram como fator diferenciador e norteador das condutas e práticas sexuais. Entre os boys de programa, os boys ativos se distinguem e se reconhecem enquanto categoria diferenciada e superior às demais. Tendem a valorizar seus atributos como forma de consolidar e reafirmar no social seu papel de "comedor". Contudo, no privado dos encontros e parcerias sexuais, nem sempre as condutas e práticas sexuais seguirão modelos tão rígidos e entre quatro paredes, as regras podem em algumas situações, ser renegociadas e reconfiguradas a fim de atender às solicitações e possibilidades que se apresentam.

Para se compreender o processo de articulação entre as fontes privilegiadas de prazer corporal (atividade/passividade) e as performances de gênero (traços de masculinidade e feminilidade) no negócio do sexo, se faz necessário atentar para o fato do prazer ser evidenciado pelos boys de programa como elemento coadjuvante fundamental. O prazer parece relacionado ao desejo de dominar que, muitas vezes aparece potencializado quando a subjugação encontra-se relacionada ao ato de comer um "cliente macho". Evidencia-se uma relação de sobreposição de virilidades e destituição de masculinidades, onde a posição de penetrado fortalecerá a do penetrador. Esta dicotomia se mostra muitas vezes relacional, considerando o fato do penetrado, em alguns momentos ou situações, poder se sentir ainda mais macho que o penetrador. Para alguns clientes, a fato de "comer o pau do boy", o destitui do lugar de machão. Pautados numa lógica inversa, onde "quem come é quem engole" parecem respaldar a supremacia do ânus, que enquanto zona erógena apresenta-se sempre, ainda que de forma figurada, como o foco de tensões e conflitos. Se para o boy o ato de penetrar o cliente lhe garante a supremacia de sua masculinidade, inversamente, para o cliente, o fato de penetrá-lo o destitui da posição de macho viril e dominador. O boy de programa que é comido pelo cliente perde o status de boy e passa a ser reconhecido como "frango", por se igualar aos clientes passivos. O dilema envolvido nas relações de poder no fenômeno da prostituição masculina revela-se então, centrado no ânus e não no pênis.

Sob o peso simbólico de significado sócioculturalmente construído, o ânus enquanto "zona proibida" para muitos boys de programa, deve ser resguardado a fim de garantir o reconhecimento público de sua masculinidade. Dentro dessa lógica, o homem não se tornará, ou ainda será reconhecido enquanto frango por "comer" outro homem, mas sim por "dar para outro homem". É neste sentido que a região anal se configura enquanto símbolo de força e cobiça, tanto que neste universo o boy, muitas vezes, cobra e ganha mais para ser penetrado. Socialmente para os boys de programa, o sexo assume uma representação valorativa estabelecida e justificável pela relação de troca e ganho econômico, onde a honra, muitas vezes, parece se concentrar única e exclusivamente no ânus. Esta zona erógena, ainda que simbolicamente, apresenta-se como divisor de águas e fator determinante para as construções de identidades, sobre as quais, irão se desenvolver os processos estruturadores das performances gênero que respaldarão suas práticas sexuais comerciais. Este contexto plural da sexualidade possibilita que as fontes privilegiadas de prazer corporal ganhem certa preponderância, mas sem, contudo, deixar de marcar, ou se disfarçar, via performances de gênero, o aprendizado constante de novas e muitas formas de se obter prazer dos corpos. O que não impede que as práticas sexuais ganhem, também, valoração monetária à medida que são solicitadas ou oferecidas.

Referências Bibliográficas

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia/UnB, 2005

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo".** In. G.L. LOURO (org) O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade, Belo Horizonte; Autentica, 1999

FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana Isabel; Renato Benedetti, Marcos (org), **Na Batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição.** Porto Alegre/RG, Edição: GAPA-RS, 2000.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre a sexualidade.** Tradução Lucia Ribeiro da silva; Revisão técnica Sérgio Carrara e Horácio Sívori. – Rio de Janeiro; Garamond, 2006.

GARCIA, Wilton. **Prostituição masculina as alternativas de uma política sexual: uma abordagem semiótica**. Revista brasileira de sexualidade humana, Editora Iglu, 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro, LTC Editora, 1988.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. **A invenção do corpo feminino, ou A hora e a vez do nomadismo identitário**. Textos de História (Brasília) .8 n. ½. (Feminismos: Teorias e Perspectivas), 2000.

ORKUT. **Comunidade Garotos de Programa**, Recife, 18/05/2007 - 22:00. (http:// www.orkut.com/GLogin.aspx?done=http%3A%2F%2Fwww.orkut.com%2F*).*

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógina**. São Paulo/SP, Perspec., vol 15, nº 3, p. 53-66. ISSN 0102-8839, 2001.

REDE do **Sexo**, Recife, 18 de maio de 2007. http://www.rededosexo.com.br. 22:30.

RIOS, Luiz Felipe. **O feitiço de exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, UERJ/REDE SIRIUS/CB, 2004.

SANTOS, Elcio Nogueira dos Santos. **Sexualidades, corporalidades, transgressões: Entre amores e vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês**. XIII Congresso Brasileiro De Sociologia – PUC - SP, 2008

SCHPUN, Mônica. (Org.) **Masculinidades**. Bomtempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, São Paulo, 2004.